UM ARTISTA DE VERDADE

Mário Lago, protagonista de muitos dos grandes acontecimentos do teatro, da música popular, do rádio e da televisão brasileiros

Sambista, compositor, autor e ator de teatro, rádio e televisão, ator de cinema, poeta e escritor: este é Mário Lago, 89 anos, disposto, engajado e consciente de seu papel como cidadão e artista. Conta-nos sobre sua infância, sua trajetória profissional e seu amor pelo samba. Explica que Amélia é mulher de verdade porque é solidária. Diz-se mais preguiçoso que Dorival Caymmi, motivo pelo qual não gosta de fazer cinema. Seus livros: Na rolança do tempo, Bagaço de beira de estrada, Rabo da noite, Monstrinho medonho, 16 linhas cravadas, *entre outros, também nos trazem como mensagem a graça, a esperança e a força de uma vida inteira dedicada ao público brasileiro. Tudo isso na entrevista à* ***Comunicação & Educação****. Por* ***Roseli Fígaro****.*

Comunicação & Educação*: Você é filho de músico, nasceu no Rio de Janeiro, no bairro da Lapa. O que mais marcou sua infância, o que você considerou como o mais importante para a sua formação?*

Mário Lago: O mais importante para a minha formação foi justamente a música. Meu pai era maestro. Às vezes, artistas iam ensaiar lá em casa. Minha mãe cantava, dava recitais. Meus tios eram músicos. Meus avós maternos e paternos eram músicos. Papai era descendente de músicos. Era inevitável que eu optasse pela música. Ao lado morava o Villa-Lobos. Estudei piano até o sexto ano com Dona Lucília Villa-Lobos. Toda a minha formação foi a música.

RCE*: Quer dizer que você teve o privilégio de ter como vizinho o Villa-Lobos?*

Mário Lago: É, o Villa-Lobos. Estudava clássico com Dona Lucília. Depois, lá no sexto ano de piano, comecei a ouvir samba. Aí, ninguém mais me segurou. Pedi desculpas ao Chopin, ao Bethoven e enveredei pelo samba.

RCE: Mas você chegou a tocar os clássicos?

Mário Lago: Claro! Dona Lucília inclusive deu um recital com os alunos do sexto ano. Eu era assanhadinho ao piano. Ela não se conformou quando parei, nem o Villa-Lobos. Diziam: uma mão que dá doze notas! Mas parei. Ia a concertos sempre. Mas de repente ouvia um sambinha na barreira do senado... e dizia: meu negócio é esse. Não vivo num país frio que me permita estudar oito horas de piano por dia, como estudam os grandes pianistas, não. As meninas estão na praia, e ficar em casa estudando piano? Fazendo samba eu chegava mais perto.

RCE: Como sua família recebeu sua opção pelo samba? E depois disso, quais foram os seus primeiros sucessos?

Mário Lago: Papai era maestro de revista. Ele estava em contato com a música popular. A Araci Cortês – artista de grande talento e de muito sucesso na época – várias vezes foi ensaiar lá em casa, de forma que não houve um choque muito grande. Fiz minha primeira gravação em 1936, mas meu primeiro sucesso foi em 38, não com um samba, mas com *Nada além*. Depois do primeiro sucesso, abriu-se a porta e vieram: *Dá-me tuas mãos, Fracasso, Deboche, Aurora, Ai que saudade da Amélia, Atire a primeira pedra.*

RCE: E como é essa história de você, sendo a cabeça que é, ter feito Amélia, que virou sinônimo de mulher submissa.

Mário Lago: Escolheram este caminho, de mulher submissa. Mas acontece que, se você analisar a letra de *Amélia*, é uma questão de solidariedade. Amélia era uma mulher solidária: "Eu nunca vi fazer tanta exigência, nem fazer o que você me faz. Você não sabe o que é consciência, não vê que eu sou um pobre rapaz? Você só pensa em luxo e riqueza. Tudo o que você vê, você quer. Ai, meu Deus que saudade da Amélia. Aquilo sim, é que era mulher". A Amélia não exigia. Tinha, tinha. Não tinha, o que se pode fazer? Tirei exemplo de minha mãe, de minha mulher. Tem, então vamos gastar. Não tem, então vamos brecar. Na minha concepção, Amélia é uma mulher solidária, não é uma mulher resignada. Às vezes passava fome, não era sempre. Pois não sendo sempre, não é uma resignação. Se passasse fome toda hora, aí já seria resignação, porque aturou tudo. Mas não. Às vezes. Quer dizer: quando havia uma situação difícil, não criava problemas, "me tirou da casa do meu pai, você tem que me dar tudo". Não era dondoca, nunca suportei dondoca!

RCE: Você teve parceiros muito importantes, que o acompanharam por um bom tempo, como Custódio Mesquita, Ataulfo Alves, Chocolate, Roberto Roberti. Fale um pouco da sua experiência com esses artistas.

Mário Lago: Todos eles eram grandes compositores. Fui muito malandro. Quando comecei, eles já estavam. Só dava a letra para quem era compositor de sucesso. Eu procurava: "Ataulfo, ouve isso aqui; Roberto Martins, ouve isso; Custódio Mesquita, ouve isso". Eles eram pessoas que estavam na onda. Sempre fui um grande espertalhão. Não sei se tenho valor, fui esperto. Procurava para gravar Orlando Silva, Francisco Alves. Não interessava gravar com outros. Sempre fui um pouco prático. Procurava o Benedito Lacerda, ele tinha um conjunto, era um grande com-

positor, um sucesso. Preparei meu terreno, não foi por acaso.

***RCE**: E o café Nice, a boêmia, junto com esses seus amigos. Como eram as noites de boêmia?*

Mário Lago: O Nice era um lugar onde se fazia uma coisa que quase não se faz mais hoje: bater papo. Compositores aos montes freqüentavam o Nice, mas nunca vi um samba ser feito lá. No Nice era papo a noite toda, às vezes eu mostrava um samba: "Olha este samba, vê o que você acha, Orestes. Que é que você acha, Nássara?" O que acontecia muito era um dar palpite na música do outro.

***RCE**: Quem era o Nássara?*

Mário Lago: Antônio Nássara, grande ilustrador, autor de *A-lá-lá-ô*, *Foi Deus quem te fez formosa*. Um grande ilustrador que foi da escola do Guevara[1]. E compositor excelente. O Nice era o centro da democracia. Sentava à mesa quem quisesse sentar. Não tinha estirpe. Pisou no Nice, não tinha estirpe. Era proibido selecionar.

***RCE**: O Nice era na Lapa?*

Mário Lago: Não, o Nice era na Avenida Rio Branco que aliás não era café, era Casa Nice. Tinha um vasto letreiro em vidro preto e letras douradas. Mas ficou Café Nice, ninguém dizia Casa Nice.

***RCE**: Lá você viveu bons momentos, passou bons momentos na boêmia?*

Mário Lago: Passei. Porque era mais

Escritor, ator, compositor Mário Lago é um artista incansável.

boêmia de papo. Lembro-me até hoje. Numa manhã... madrugada, estávamos conversando na praça, ali na Cinelândia, havia uma livraria ali, a Vítor. Surgiu na conversa Pepino, o Breve[2]. Não sei porque a conversa de repente parou no Pepino, o Breve. E cada um começou a dar uma sugestão, quem teria sido Pepino, o Breve. Nós esperamos amanhecer, abrir a livraria, para pegar um livro de história universal para tirar a dúvida. Era esse tipo de boêmia, não era vagabundagem.

***RCE**: Era uma universidade?*

Mário Lago: É isso. O Orestes Barbosa, por exemplo, era jornalista, cobriu durante muito tempo a Câmara. Então tinha um repertório de conhecimentos que nas conversas aparecia. Ficávamos sabendo dos bastidores da Câmara dos Vereadores, da Câmara dos Deputados, de política e de todos os assuntos. Um emendando no outro. Porque o melhor do papo é isso: um assunto vai emendando no outro. Chegava

1. Andrés Guevara, caricaturista paraguaio, viveu longo período no Brasil, notabilizou-se por suas charges políticas contra a guerra e o nazismo (N. Ed.)
2. Pepino, o Breve – Rei dos francos, pai de Carlos Magno. (N. Ed.)

de manhã nós não conseguíamos lembrar como é que o papo havia começado.

TEATRO DE REVISTA

RCE: *Vamos falar um pouquinho de teatro. Você iniciou sua carreira artística estreando como autor de teatro de revista.*

Mário Lago: Em 1933, com *Flores à Cunha.*

RCE: *O que foi o teatro de revista no Brasil e quais as causas de seu desaparecimento?*

Mário Lago: O teatro de revista foi de grande importância porque no teatro de revista havia crítica política. Os quadros de crítica política eram muito esperados. Com o Estado Novo caiu muito. Vieram os cassinos e carregaram com as coristas, porque pagavam muito mais. O teatro não tinha jogo para sustentar-se, os cassinos tinham. O teatro de revista, que foi tão importante, foi morrendo aos poucos, pela censura, pela concorrência com os cassinos, que tinham *shows* luxuosíssimos. Mesmo que um *show* do cassino não agradasse, o jogo sustentava, não precisava mudar de *show* logo. O teatro, não. Uma peça não agradou, um prejuízo desgraçado. Tem que montar outra. Ficar pagando as dívidas dessa, e as dívidas que se fazem para levar a outra. E o teatro de revista foi morrendo por isso, porque não tinha mais crítica e não agüentou a concorrência do luxo.

RCE: *Mas você estava dizendo que, com Getúlio, o teatro de Revista caiu muito.*

Mário Lago: Porque veio a censura. Podíamos criticar a pessoa Getúlio Vargas mas não podíamos criticar o sistema Getúlio Vargas. Estreei uma peça em que fazia um quadro que era o malandro querendo ensinar um golpe para o Getúlio. Toda aquela linguagem de malandro. E dizia para o Getúlio: "Agora vou lhe ensinar um que não falha nunca." E Getúlio dava uma rasteira no malandro. "O senhor já sabia, sua Excelência?". E o personagem do Getúlio respondia: "Faço isso desde criança, meu filho". Isto passou pela censura. No entanto, na história havia uma família que atravessava a peça toda. O chefe da família tinha sido demitido. E foi para a Justiça do Trabalho. Esta família fazia várias entradas, e o tempo ia passando e eles iam envelhecendo e estavam sempre entrando com recurso na Justiça. Isso não passou. Porque criticava as leis trabalhistas, a Consolidação das Leis do Trabalho. A censura era fundamentalmente neste aspecto.

> Você podia interpretar o Getúlio passando uma rasteira, mas não podia interpretar uma família que estava dependendo de uma solução da Justiça, que não saía porque o patrão estava sempre recorrendo.

A censura foi matando o teatro de revista. De repente ficou a caricatura, não se podia fazer uma crítica profunda. Houve um quadro em uma de minhas peças que, mesmo com a abertura, foi uma luta para deixarem passar. Era numa redação de jornal. Os personagens eram as várias matérias, tinha até um obituário. A Margot Louro, mulher do Oscarito, que era muito baixinha, interpretava uma mulher que

queria falar com o diretor e não deixavam. Até que o diretor dizia: "A senhora, quem é?" "Eu sou a opinião pública". "A senhora ainda existe!"

RCE: *Essa idéia que nos passam de que o teatro de revista era um teatro picante, de moças com poucas roupas, de coristas, de vedetes, essa imagem é correta?*

Mário Lago: É correta. Mas a revista dizia muito menos palavrões do que uma peça do Plínio Marcos, por exemplo. Não havia palavrão, não era permitido. Agora é permitido. Lançava-se mão do duplo sentido, e aí é que estava a dificuldade de fazer. Mas, com o tempo, com a decadência, foi escrachando cada vez mais.

RCE: *Você escreveu para o Oscarito também?*

Mário Lago: Escrevi três comédias para o Oscarito, quando ele resolveu mudar de gênero. Foi uma tentativa, não foi muito feliz. Porque ele era um grande ator de revista. Ele fez umas coisas boas, outras que deixaram um pouco a desejar, mas foi uma tentativa. Tentar sempre é válido.

RCE: *Você diz tentativa porque ele estava saindo de um gênero....*

Mário Lago: Ele vinha da revista para tentar a comédia. Revista, no gênero que fazia o Oscarito, livre, até conversava com a platéia. Com a comédia ele estava preso a um texto. Foi uma experiência que valeu muito porque ele se empenhou. Um profissional fabuloso! Disciplinado, fez tudo para chegar até o fim e conseguiu muita coisa.

RCE: *Além de Oscarito, com que outros artistas importantes você teve o prazer de conviver nesse período do teatro de revista?*

Mário Lago: Araci Cortês, grande vedete de revista, Ítala Ferreira, Manuel Pêra, pai da Marília, Lídia Binati, Afonso Stuart, Delorges, Eva Tudor. Fiz uma peça para a Eva Tudor, comédia. Havia um meio de teatro. Mesmo que você não tivesse uma peça em cartaz, havia o Café do pessoal de teatro. Ali você convivia com todo mundo. Nem sempre as estrelas iam. Uma vez ou outra davam o ar da graça, só para valorizar o Café. Nem sei se não recebiam cachê. O importante era que havia os pontos de reunião de gente de teatro. O Café Ópera e o Café Palheta ali na Praça Tiradentes. A Praça Tiradentes teve os teatros Carlos Gomes, Revista, Recreio, São José e João Caetano.

RCE: *Foi um centro cultural, então?*

Mário Lago: Foi um centro tremendo de teatro de revista. Porque eram todos de revista. O Recreio, que atualmente não existe mais, era na rua D. Pedro I. Carlos Gomes, Recreio, São José, que depois virou cinema, e João Caetano, todos teatros de revista. Havia público, a revista estava no auge. Sempre com crítica política, crítica de costumes. Havia interesse. Quando começou a censura, cortando aqui, ali, acolá, teve que começar a apelar e foi se deteriorando. Primeiramente, a concorrência dos cassinos, depois, da televisão, que paga salário muito melhor. Você tem na televisão muitos que foram de teatro de revista, alguns já morreram. Na *Escolinha do Professor Raimundo*, por exemplo, o Walter D'Ávila, o Moacir, o Brandão eram de teatro.

***RCE:** O pessoal mais antigo de televisão veio do teatro.*

Mário Lago: É. Foram todos sendo seduzidos pela TV.

ARTE E POLÍTICA

***RCE:** Você sempre foi militante das principais causas políticas do país. Nos anos 30 você foi do Socorro Vermelho e da Juventude Comunista. Nos anos de Regime Militar você também foi perseguido por sua atuação no Sindicato dos Radialistas. De quais atividades políticas você participou mais recentemente? Como você vê essa relação do homem artista e do cidadão?*

Mário Lago: Acho que o artista não elege ninguém.

> Mas o artista não pode ficar divorciado da vida que está à sua volta. Como intelectual ele não pode se omitir frente ao que está acontecendo.

Desde a Faculdade de Direito, em 1930, tornei-me militante marxista. Quando entrei na Faculdade já participei da luta no CACO – Centro Acadêmico Cândido de Oliveira, e a chapa era de esquerda. Foi ali que me formei. O tio, ou não sei se era o pai, do Mangabeira Unger me deu o primeiro livro marxista para ler. Os diálogos da Revolução, de Lênin. Foi uma formação cultural, porque eu era filho, descendente de classe média. Não teria razões econômicas, de miséria para adotar uma teoria marxista. Foi intelectualmente. Minha primeira cadeia foi em 1932, já estava na Juventude Comunista.

***RCE:** Por quê?*

Mário Lago: Um comício na porta da fábrica de tecidos Maxwell.

***RCE:** De que forma foi? Você estava falando contra o Getúlio?*

Mário Lago: Era um comício reivindicatório. Reivindicações da fábrica. Mas aí a gente falava sempre contra o Getúlio. Em 1932 ainda não havia o Estado Novo. O Estado Novo foi depois.

***RCE:** E no tempo da ditadura militar, mais recente, você também foi preso ou não?*

Mário Lago: Fui preso em 64 e em 69[3].

***RCE:** O que você pensa sobre esse problema do artista e da militância política? Isto que é bastante lembrado e discutido por ocasião das eleições, que o artista não deve misturar-se, engajar-se, colocar sua imagem à disposição.*

Mário Lago: O homem é um ser político. O artista é um homem igual aos outros. Conseqüentemente, ele sempre tem que ter opinião. No entanto, a opinião dada por mim, realmente tem mais valor do que a opinião dada por um desconhecido. Então, se sou marxista, tenho que adotar a posição marxista publicamente. Não vou ficar na ilegalidade. Eu acho que este é o comportamento correto de um homem.

3. Em seu livro *Reminiscências do sol quadrado*, Mário Lago lembra o período que passou na prisão durante o Regime Militar. (N. Ed.)

***RCE:** Falando um pouco em marxismo e em política, o que você pensa do marxismo hoje? Ele acabou, ele não é mais útil?*

Mário Lago: Tenho a impressão de que houve um erro de rota na URSS, porque era uma política muito fechada e precisava abrir-se. Gorbachóv fez isto. Um rio represado, quando solto, inunda tudo. Quer dizer, passa de um fechado para um aberto total. Porque havia muita gente contra lá dentro mesmo. Era gente que vivia sonhando com uma época que já não existia, o czarismo. A bisavó falava, contava. Havia muita gente contra. Eu mesmo, quando estive em Moscou, discuti com vários. Foi aberto rapidamente demais. Então degringolou tudo. Não houve tática. Talvez tenha sido prolongado demais o fechamento. Já aconteceu, guardadas as proporções, com o plano Funaro, no Brasil. Ele fez um plano que, dentro de um tempo limitado, funcionou. Depois esticou demais. Aí degringolou. Lá os planos qüinqüenais foram necessários. A brutalidade foi necessária, porque havia guerra civil e guerra externa. Então aflorou tudo. E atualmente, você vê, é uma desorganização, a máfia mais perigosa do mundo é a da Rússia.

***RCE:** Como ator de teatro sua estréia aconteceu no início dos anos 40, em 1942?*

Mário Lago: É, foi em 42, na Companhia do Joracy Camargo.

***RCE:** Como foi isso, fale sobre as companhias teatrais e seus principais diretores. O Joracy, o Procópio Ferreira, o Oduvaldo Viana.*

Mário Lago: A minha entrada para o teatro foi por acaso, realmente. Era muito amigo do Joracy Camargo. Ele organizou a primeira temporada, eu acompanhava todos os ensaios, todas as noites. Depois viajou para a região Norte e, quando voltou, o Joracy quis reorganizar a companhia. Contratou um rapaz que era um belíssimo ator, Didinho, para ser galã. Mas os galãs do Joracy Camargo são sempre muito bem postos, servindo de escada para o Procópio Ferreira, pois ele escrevia para o Procópio. E o Didinho não se encaixava bem na filosofia do Joracy. Um dia desses eu estava assistindo ao ensaio, e o Joracy disse: "Escuta, quer ser ator na minha companhia?". O ensaiador do Joracy afirmou: "ele inflexiona muito bem, deixa o resto comigo". Porque eu tinha escrito uma peça para a companhia do Delores Caminha – *Pertinho do Céu* – e naquela época o autor lia as peças com o elenco. Foi assistindo à leitura que ele conheceu minha voz. E foi assim. Meus pais, que apoiavam o autor, fizeram uma restrição ao ator. Papai disse: "meu filho, não quero que você dê à mulher com quem vai se casar a vida que eu dei à sua mãe. Às vezes uma temporada acaba, tem desemprego, e é uma coisa muito frágil, muito imprevisível". Mas no dia de minha estréia estavam os dois na primeira fila. E ai de quem dissesse que eu não era um bom ator. Pai é pai, mãe é mãe, não muda. Foi assim que comecei como ator. Trabalhei na companhia do Delores Caminha, companhia do Modesto de Souza Cazarré, nunca cheguei a trabalhar com o Procópio. E era amicíssimo dele. Um dia, estava fazendo uma temporada com o Delores, e ele me chamou, dizendo: "Lago, o Oduvaldo Viana está aí, ele gostou muito da sua voz. Ele está montando uma estação de rádio em São

Paulo e gostaria de levar você. Olha, eu se fosse você, toparia, porque você também escreve. O rádio é um campo bom para você". E foi assim que entrei para o rádio, também sem querer.

RCE: Mas o Oduvaldo não tinha companhia de teatro?

Mário Lago: Teve, mas eu era adolescente quando ele teve a companhia de teatro. Ele e o Viriato Corrêa, Manuel Durant. Ali fui espectador. Depois, teve uma companhia no lírico, com Raul Julian...

RCE: Qual era a rotina da companhia de teatro. O que ela tinha de diferente do trabalho de hoje?

Mário Lago: É muito simples. Não havia descanso semanal. Trabalhava-se de segunda a domingo. Na segunda-feira, você já recebia os papéis da peça que ia seguir-se àquela. Não se recebia a peça inteira; cada um recebia o seu papel. Não havia ensaio de mesa, como há atualmente. Já íamos marcando os movimentos. Naquele papelzinho você tinha as deixas do outro personagem para saber quando falar. Agora não, agora há ensaio de mesa um mês, vinte dias, para o artista ir se assenhoreando lentamente daquele personagem. Às vezes o ator, naquele sistema antigo, se assenhoreava do personagem no último dia da peça.

RCE: Mas as companhias eram fixas?

Mário Lago: Havia companhia fixa. Jaime Costa tinha companhia, Procópio Ferreira, Eva Tudor. Todas companhias fixas. Por exemplo, a Eva Tudor trabalhou mais de vinte anos com a Elza Gomes, André Lion, Stuart. Procópio tinha o seu elenco fixo: Rodolfo Maia... Mas o Procópio variava mais, dependia da primeira dama, dos caprichos dele. Jaime Costa também tinha o seu elenco mais ou menos fixo. Quando acabava a temporada alguns podiam ir embora. Mas havia sempre um núcleo fixo, o que agora não há, agora você é contratado por uma produção. Acabou a produção, você está desempregado.

RCE: Nesse sentido, o ator tinha mais estabilidade, mais segurança no trabalho do que hoje?

Mário Lago: O ator era contratado por uma temporada inteira. Uma temporada quer dizer um ano inteiro. Tinha mais garantia, que eram contratos longos. Agora não, você é contratado por uma peça, geralmente.

MOVIMENTOS TEATRAIS

RCE: E o que foi o Teatro dos Comediantes, o Teatro dos Estudantes?

Mário Lago: Esses dois momentos eu não acompanhei, a não ser da platéia. Não participei realmente de absolutamente nada. Mas, o Teatro dos Comediantes montou uma peça genial do Tenessee Willians, *Desejo*. O Teatro dos Estudantes montou *Hamlet*, com Sérgio Cardoso. O Teatro dos Estudantes é que lançou Sérgio Cardoso.

RCE: Eram companhias?

Mário Lago: Não eram companhias fixas. Eles se organizavam para o espetáculo. Eram entidades que às vezes ficavam seis meses sem fazer coisa nenhuma.

***RCE**: E o TBC? Você participou do Teatro Brasileiro de Comédia?*

Mário Lago: Na platéia. Vi a estréia, levado pelo Dias Gomes, de *O Pagador de Promessas*.

***RCE**: Esses movimentos todos foram muito importantes para o teatro brasileiro. Que contribuição você pode dizer que o Teatro Brasileiro de Comédia, por exemplo, deixou para o teatro no Brasil?*

Mário Lago: O TBC, por exemplo, trouxe uma grande experiência de diretores europeus. Diretores que vinham de um teatro mais avançado ajudar a dar um salto no teatro brasileiro. Aqui no Rio foi Ziembinsky, em São Paulo foi aquela italianada toda.

Traziam a experiência de um teatro mais evoluído, bem mais avançado que o nosso.

Isso foi altamente salutar para o teatro brasileiro. O autor brasileiro e o ator tinham a cultura dos seus papéis. Houve um avanço muito grande, o ator agora é realmente um elemento intelectual. No meu tempo o ator tinha vocação.

***RCE**: Formava-se no trabalho?*

Mário Lago: Formava-se em cima das tábuas, como a gente dizia. Havia uma escola dramática, mas não era como aquela que havia em São Paulo, do Alfredo.[4] O Alfredo Mesquita foi um patrono do teatro. Não podemos esquecer, ele mantinha aquilo com o sacrifício dele, inclusive.

***RCE**: Você nunca esteve em uma escola, como a EAD, por exemplo?*

Mário Lago: Não. Mas o Alfredo Mesquita merece uma estátua pelo que ele formou de atores em São Paulo, é o mesmo que o Tablado aqui no Rio. Era uma dedicação total. O Alfredo Mesquita tinha até uma sopa que oferecia para os alunos. Ele era denodado mesmo.

***RCE**: Esse teatro que vem de fora, principalmente da Europa, que influencia o TBC, ele não vai confrontar e ofuscar o teatro que se fazia aqui, o nativo, vamos dizer?*

Mário Lago: Não, mas o nativo bebeu muito naquele teatro. E o nativo se transformou. Porque, por exemplo, o normal do teatro de comédia era comédia de costumes ligeira. Os autores brasileiros começaram a encarar o negócio mais seriamente com a influência do TBC. Surgem Nelson Rodrigues, Plínio Marcos. Porque encontraram um ambiente.

***RCE**: Densidade dramática...*

Mário Lago: Ziembinsky, Adolfo Celli tiveram uma grande importância.

***RCE**: E do teatro Opinião, Teatro de Arena, o que você me diz desses movimentos?*

Mário Lago: Foram movimentos sérios. Depois que tinha acabado o Arena, encontrei, um dia, com o Oduvaldo Viana Filho, com uma peça *Ministro Supremo*, do Armando Gonzaga, que seria um feitor do Brasil, fazia peças só de situações do Brasil, disse a ele: "está lendo isto?"; E ele me respondeu: "Estou estudando,

4. Escola de Arte Dramática – EAD, hoje parte da Escola de Comunicações e Artes da USP. (N. Ed.)

Mário Lago acaba de ver reeditado o livro *Reminiscências do sol quadrado* e já prepara um outro de suas memórias infantis.

porque até agora nós fizemos panfletos, não fizemos peças de teatro". Teatro tem que ter teatro, carpintaria. Tanto que o teatro que ele fez depois adquiriu um outro aspecto. Em Guarnieri também o drama já se sobrepõe ao panfleto. O Opinião era panfletário porque às vezes esqueciam as bordas. Mas depois tudo se ajeita. E atualmente o teatro de pensamento existe. Existe, mas já não é panfletário. Existe com uma visão de teatro. Tem que ter os elementos de teatro, carpintaria, a situação dramatúrgica desempenhando um papel fundamental.

RCE: O que você me diz do teatro hoje?

Mário Lago: A situação econômica do Brasil, de pobreza, atrapalha. De forma que os conjuntos se formam sempre como conjuntos pequenos. Você não pode mais ter um grande espetáculo. O último grande espetáculo que vi foi em São Paulo, *Cyrano de Bergerac*, porque as condições econômicas não permitem fazer grandes elencos, muitos cenários. Mas há peças muito boas. A Glória Menezes, por exemplo, está fazendo um sucesso tremendo, faz uma mulher com câncer. Já há platéia para este tipo de teatro. E essa platéia foi produzida, inclusive, por aqueles movimentos que eram panfletários. Nada é perdido. Sobra sempre alguma coisa.

RÁDIO E TELEVISÃO

RCE: E no rádio, você escreveu para o rádio? Você começou com o Oduvaldo Viana, na Panamericana?

Mário Lago: Panamericana de São Paulo.

RCE: O que você foi fazer lá?

Mário Lago: Fui para ser ator e escrever. Essa minha voz grossa ajudou um pouco, sempre fazendo os centros. Quando entrei para a Rádio Nacional fiz o papel de um avô. Fui avô de uma atriz que tinha me pegado no colo, quando eu era criança, Amélia de Oliveira. A minha voz permitia ser avô dela, que tinha uma voz que era um sonho, um veludo, um violino. Fui me adaptando bem ao rádio. Escrevia programas para a Rádio Panamericana, e fui até animador de auditório. O Oduvaldo disse assim: "eu preciso de um animador. Vai lá, vê o que é que você faz".

RCE: Na rádio?

Mário Lago: Na rádio. Tentei fazer um auditório. Ele disse: "está aprovado, faz". Então, tinha jogo de música, de calouros. Eu era o grande animador da Rádio Panamericana. Travalhava como um cão.

RCE: E na Rádio Nacional, você escreveu durante um período muito longo o...

Mário Lago: *Presídio de Mulheres*. Começou como uma novela cubana. Era um

seriado cubano que eu traduzia. Mas depois parou o contrato. E esse negócio... o pessoal da rádio me chamou, e: "agora você tem que escrever". Foram cinco anos, se não me engano, um período muito longo.

RCE: Você teve que sair da Nacional em 64, não foi?

Mário Lago: Saí uma vez, bem antes, porque o superintendente da rádio, o Coronel Leoni, não gostou de um texto que escrevi. Era um quadro, Neguinho Juraci, para o domingo, 7 de Setembro. Juraci era um americanófilo. Para ele tudo o que era americano era bom, essas bobagens. Mas lá pelas tantas o neguinho fazia uma locução anti-imperialista. No dia seguinte tinha uma nota do superintendente estranhando que eu tivesse feito aquilo. Então, escrevi uma carta para ele, considerando que a opinião ainda estava livre e aquela nota tinha um ranço fascista. Não contente em escrever, distribuí a carta, tirei cópias e fiz uma panfletagem na Rádio Nacional. Fui demitido em 49. Foi quando fui fazer Rádio Bandeirante, em São Paulo. Depois saiu o Coronel, voltei para a Rádio Nacional, fiquei até 64.

RCE: Aí fazendo Presídio de Mulheres?

Mário Lago: Fazendo *Presídio de Mulheres*.

RCE: E de quem era o roteiro cubano, você lembra o autor?

Mário Lago: Não lembro quem era o autor.

RCE: As novelas cubanas tiveram forte influência aqui, não é?

Mário Lago: Sim, *Direito de nascer*, ninguém mais agüentava fazer. Quando Neli Pinheiro começava: "esta história de amor e sofrimento..." Depois ele saiu da rádio e eu passei a ser o narrador. "Esta história de amor e sofrimento...". Aquilo não acabava nunca mais.

RCE: Quanto tempo ficou no ar?

Mário Lago: Duzentos e tantos capítulos!

RCE: Das radionovelas, você participou de quais mais?

Mário Lago: Todas. Nunca tive diário. Entrava na Rádio Nacional às dez da manhã e saía às dez da noite, onze horas. Minha mulher até dizia que ela era minha esposa e a Rádio Nacional era a minha amante.

RCE: Você fez fotonovela?

Mário Lago: Depois de ter sido demitido da Rádio Nacional, em 64, pelo Golpe Militar, tinha que sobreviver. Casado, cinco filhos. Fiz várias coisas. Fiz traduções e fiz até fotonovela, que é a coisa mais humilhante do mundo. Você está assim, o diretor diz: "Agora ri", "Não, agora ri com sarcasmo", "Faz um olhar lângüido", "Faz cara de raiva". Quer dizer, você vira um boneco. A coisa mais humilhante que há no mundo é fazer fotonovela. Mas precisava comer e minha família também!

RCE: A televisão aparece em 1950. Quando ela apareceu você já estava lá?

Mário Lago: Entrei na Globo em 68.

RCE: Você só vai para a televisão em 68?

Mário Lago: Não, andei fazendo *Teatro Moinho de Ouro*, do Vítor Verbara, que era na TV Rio. Estava na Rádio Nacional, fazia aos domingos e era uma audição.

RCE: Você escreveu ou dirigiu para a TV?

Mário Lago: Escrevi. Só uma coisa. Uma adaptação de *O Noviço*. Mas é um trabalho exaustivo. E dirigir, nem me passa pela cabeça, que sou mais preguiçoso que o Dorival Caymmi. De forma que sou tão preguiçoso que arranjei um efisema pulmonar para falar pouco. Quer dizer, escrever para a televisão não é o mesmo que escrever para o rádio. Na rádio, você escreve de manhã para sair à tarde. Na televisão, tem que haver uma produção, de cenários, o diabo a quatro. Tem que estar sempre adiantado. E sempre fui o autor-príncipe: escrevia hoje o capítulo para daqui a pouco.

***RCE**: O Noviço foi então sua primeira e última experiência?*

Mário Lago: Primeira e última experiência.

***RCE**: Essa foi uma novela das seis ou das sete?*

Mário Lago: Das seis, na Globo.

***RCE**: Quais os trabalhos de televisão que você mais gostou de fazer de todos que você fez?*

Mário Lago: Bom, é a tal coisa. Ganhei três prêmios de melhor ator em televisão: *O Casarão*, *Nina* e *Dancing Days*. São os trabalhos de que mais gostei. Sendo que *Dancing Days* foi o melhor deles todos porque o prêmio foi em dinheiro. Os outros dois foram um prêmio da Associação dos Críticos de Televisão de São Paulo.

***RCE**: E que papel você fazia em O Casarão, porque foi uma novela que marcou bastante, inclusive a teledramaturgia?*

Mário Lago: Fazia o mesmo personagem interpretado pelo Denis Carvalho, só que velho. Foi até uma discussão muito engraçada, porque se faziam reuniões, a gente tinha que estar muito sólido no trabalho. Então, o Lauro César Muniz, autor da novela, um dia resolveu dar cor aos papéis. O Atílio é vermelho, e o Denis disse: "não, esse tipo é absolutamente cinzento, só conseguiu se formar em guarda-livro, foi um perfeito decadente. Esse sujeito não existe, ele é uma mancha cinza no meio dessa história toda. A mulher gosta de outro. Ele é cinza, não é vermelho não. Quanto mais cinza ele for, mais sobressai o papel". Quando o Daniel Filho começou a dirigir, disse para mim e para o Paulo Gracindo: "olha aqui, tenho esses dois papéis. Qual é o que você escolhe, o romântico ou o velho?". O Gracindo: "eu quero o romântico". Era o pintor. E sobrou para mim a coisa cinza. Uma vez a novela no ar, veio um jornalista português que já conhecia o Gracindo de Portugal. Queria fazer uma entrevista com ele sobre a novela. O Gracindo disse a ele: "não entreviste a mim não, quem está roubando a novela é o Mário Lago".

***RCE**: E como é essa sua convivência com os colegas de televisão? Aquele ambiente que você tinha no Nice, nos cafés, nos pontos de teatro, isso se repete com o pessoal de televisão ou não?*

Mário Lago: Se estiver no mesmo elenco, porque não se repete elenco. A Chica Xavier chora quando acaba uma novela, despede-se de todo mundo. Na rádio estava todo mundo junto. Na televisão, não. Você pega um elenco: acabou aquela novela, ele se desfaz. Você vai ficar uma novela ou duas sem entrar. Quando chega a fazer amizade, criar laços, acaba a novela. É um ombro a ombro temporário. Estamos

sempre recomeçando. E depois, a sala de atores é uma coisa muito grande, com vários sofás. A turma chega, aproveita para cochilar. No princípio, só havia uma sala de atores, era conversa todo o tempo. Hoje, um elenco está gravando neste estúdio, não vê o colega trabalhando no outro estúdio. É muito trabalho. A televisão não tem o negócio que tinha a rádio, que você entrava em quatro ou cinco novelas, e passava o dia inteiro narrando.

***RCE:** Qual a importância da telenovela para a cultura brasileira?*

Mário Lago: Ontem, por exemplo, assisti a um espetáculo muito bom. *O comprador de fazenda*. Um conto do Monteiro Lobato. Fiz o *Brava Gente*, na primeira série, era um conto do Josué Guimarães, eu com a Eloísa Mafalda, muito bom.

A telenovela se deturpa um pouco com a pesquisa de opinião que é permanente.

Qual é a história que está agora agradando mais? De forma que o autor, às vezes, tem um plano e é obrigado a mudar este plano porque um papel que ele pensou que não fosse ganhar importância de repente ganha. Não há aquele texto pronto e acabado. Você faz um capítulo hoje, grava na semana. E na sexta-feira você recebe os capítulos da outra semana. Não é um trabalho inteiro.

***RCE:** Nesse sentido, a minissérie ou os casos especiais permitem ao ator um trabalho mais completo.*

Mário Lago: Claro. Porque vem pronto. Na telenovela não se sabe o que vai acontecer. E um ator leva sustos também, como se leva na vida real.

***RCE:** Você também fez cinema?*

Mário Lago: Fiz, muito contrariado.

***RCE:** Inclusive você fez Cinema Novo. Por que contrariado?*

Mário Lago: Porque já disse a você que sou mais preguiçoso que o Dorival Caymmi. Às vezes em cinema você leva um dia para gravar um plano. Sou ansioso. Quer dizer, meu tipo endocrinológico não se adapta ao cinema. Fiz alguns filmes, mas contrariado. Fiz *O padre e a moça* com o Joaquim Pedro, fiz *Bravo guerreiro*, com Gustavo Dahal, *Os herdeiros*, com o Cacá Diegues.

***RCE:** Você fez Terra em transe.*

Mário Lago: *Terra em transe,* que era uma passagenzinha, com o Gláuber Rocha. Fiz *São Bernardo,* com o Riechembach. Mas não me atrai cinema, nunca me atraiu.

***RCE:** Você acha que o problema dessa atração é mesmo devido ao volume e ao tipo de trabalho do cinema?*

Mário Lago: É o tipo de trabalho que não me atrai realmente.

***RCE:** E a interação do público com o cinema não é maior do que com a televisão?*

Mário Lago: Não. Porque na televisão você está sendo visto hoje, encontra amanhã quem viu você. Cinema, você filma hoje, seis meses depois é que chega ao público. Milhões vêem televisão. Milhares vêem cinema.

***RCE:** Você também é autor de livros. Você tem alguns...*

Mário Lago: Tenho alguns crimes.

HISTÓRIAS DA VIDA INTEIRA

***RCE:** Alguns, vários títulos, todos autobiográficos? Você tem romances?*

Mário Lago: Tenho. *Manuscrito Erótico.* Que é um caso passado num bordel com meu cunhado, exilado político.

***RCE:** É mesmo?*

Mário Lago: É. Ele na ilegalidade foi ser até empregado em um bordel no interior do país. Mas gosto muito de lembrar a vida. Agora mesmo estou escrevendo um livro sobre o meu tempo de moleque, as grandes molecagens que fiz durante a vida. Desde o primeiro ano, desde antes de nascer.

***RCE:** Este trabalho seu, que trouxe para ser autografado, você o escreve em 16 linhas cravadas[5] mesmo? Que é o poder de síntese para o escritor?*

Mário Lago: Ah, esse livro foi uma distração incrível para mim. Porque você tem uma história, faz um organograma da história. Agora, no que vai para a máquina, a imaginação fica solta. Quando você vê, você enfiou 40 linhas. E tinha resolvido contar a história em 16 linhas. É uma brincadeira de minimalista. Miniaturista. Depois, na hora de ser editada a matéria, como se diz em jornal, dá uma pena desgraçada cortar, porque é um parricídio que você está cometendo. Os filhos sãos as palavras da gente. Mas cheguei, consegui chegar a dezesseis linhas cravadas. Várias histórias. Trinta e poucas. Era uma diversão para mim.

RCE: E nessa sua tarefa de escrever, de interpretar, de compor, o que você mais gosta de fazer?

Mário Lago: Não compreendo que a pessoa faça uma coisa sem ter absoluta paixão por aquilo está fazendo. No momento a minha paixão é esta entrevista. Estou procurando me comportar o melhor possível. Você não pode fazer nada sem ser com absoluta paixão. Estou escrevendo um livro e quando vou para a minha máquina não existe mais nada. Estou estudando um papel, vou fazer uma novela, é aquilo.

> Tudo o que faço é com absoluta paixão, de forma que não há discriminação de um por outro.

***RCE:** Você tem alguma peça inédita?*

Mário Lago: Tenho uma peça sobre a Revolução dos Alfaiates, movimento que aconteceu oito anos depois da Inconfidência Mineira.

***RCE:** E por que ela está inédita? Você a escreveu quando?*

Mário Lago: Já foi censurada duas vezes. Porque a Mineira foi um movimento de intelectuais, poetas. A Revolução dos Alfaiates foi de uma classe que estava embaixo, não houve manifestos, houve um começo... A patente maior era um tenente chamado Caetano Veloso. Eram alfaiates, sargentos, escravos. Era uma revolução realmente popular, razão pela qual os historiadores tocam pouco nesse assunto.

5. LAGO, Mário. **16 linhas cravadas**. São Paulo: Publisher, 1998.

***RCE**: É verdade, afinal de que história falamos! Nesse período todo, como multiartista, como é para você a adaptação às mudanças trazidas pelo rádio, pela televisão, pelo cinema? Como é que você encarou isso?*

Mário Lago: Não pergunte a mim. Pergunte ao Camaleão! O camaleão toma o aspecto de pedra. Quer dizer, é rádio, então vamos compreender o rádio como ele é e pronto. Televisão, vamos compreender e pronto. Cabe ao artista compreender aquele veículo que está usando. Não se pode fazer rádio como se estivesse no teatro, nem se pode fazer televisão como se estivesse fazendo teatro. O veículo é diferente. Na televisão não precisa de Oh!, apenas arregala o olho e pega num *close* e pronto. O "Oh!" no rádio é inevitável, pois se você fizer isto (o gesto) no rádio, não acontece nada.

***RCE**: Ultimamente, o que você tem feito? Fez uma minissérie...*

Mário Lago: Minha última atuação foi em *Brava Gente*. Porque estou com um problema de pernas, de circulação. Atualmente estou meio travado. Mas a Globo respeita esse problema. Tenho contrato até 2003. Compreendo perfeitamente que estou andando muito pouco, inclusive tenho dificuldade de andar. Razão porque não me levantei para receber você.

***RCE**: Você tem um livro que está escrevendo, tem um contrato, e quais as expectativas, as novidades para o público em breve?*

Mário Lago: Minha querida amiga!, estou com 89 anos. Aos 89 anos você já não traça perspectivas a longo prazo. Quero viver. Minha perspectiva é poder viver. Nada mais do que isto.

Resumo: Mário Lago, ator e autor de teatro, rádio e televisão, poeta e escritor, autor de sucessos da música popular brasileira tais como: *Nada além*, *Amélia*, *Atire a primeira pedra*, fala, em entrevista à *Comunicação & Educação*, sobre sua formação musical, sua trajetória como artista do teatro, do rádio, da televisão e do cinema. Conta sua experiência no Teatro de Revista, fala sobre a vida cultural do Rio de Janeiro dos anos 30 e 40, de sua opção política e os períodos das ditaduras. A importância dos diferentes movimentos teatrais no Brasil, seu relacionamento com os colegas de boêmia e seus trabalhos mais recentes como ator e escritor.

Palavras-chave: Mário Lago, samba, teatro de revista, rádio, televisão, ator, escritor

(A real artist)

Abstract: Mário Lago, actor and theatre, radio and television author, poet and writer, author of Brazilian pop music lyrics such as: *Nada além*, *Amélia*, *Atire a primeira pedra*, opens himself up in an interview to *Comunicação & Educação*, on his musical background, and on his trajectory as a theater, radio, television and cinema artist. He talks about his experience in the Teatro de Revista (Magazine Theatre), comments on the cultural life in Rio de Janeiro in the 1930's and in the 1940's, on his political options and on the dictatorship periods, on the importance of the different theatre movements in Brazil, on his relationships with his bohemian friends and on his recent work as an actor and writer.

Key words: Mário Lago, samba, magazine theatre, radio, television, actor, writer